



O caminhar como experiência da paisagem: uma vivência chuvosa coletiva na Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Evelyn Caroline da Silva Camara^{1*}, Marina Biazotto Frascareli² e Hélio Hirao³

1 - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Comunicação, Artes e Design, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Bauru, Brasil, evelyn.camara@unesp.br, <https://orcid.org/0009-0005-2217-5500>

2 - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Comunicação, Artes e Design, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Bauru, Brasil, helio.hirao@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0002-0052-6788>

3 - Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Carlos, Brasil, marinafrascareli@usp.br, <https://orcid.org/0000-0001-7551-9235>

* Contato principal

Resumo

Esse artigo apresenta uma experiência em uma disciplina de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, explorando o caminhar como forma de apreensão dos territórios existenciais da cidade contemporânea. A investigação se baseia na metodologia da Deriva (Debord) e da Cartografia (Deleuze; Guattari), destacando o caminhar como um processo de experimentação e construção subjetiva da paisagem urbana. O objetivo é revelar os aspectos que compõem a paisagem para além de sua lógica funcional e produtiva, enfatizando as dinâmicas que a transformam. Assim, a experiência espacial atua enquanto potencializador da paisagem: à medida em que as funcionalidades se ausentam, ampliam-se as possibilidades de manifestações de elementos naturais e humanos capazes de agenciar relações entre o mundo objetivo e subjetivo. Dessa forma, a paisagem revela as singularidades e fortalecem os valores existenciais que emergem entre os corpos e os espaços.

Palavras-chave

Caminhar, Cartografia, Deriva, Paisagem.

Walking as a landscape experience: a collective essay in the Postgraduate Course in Architecture and Urbanism

Abstract

This article presents an experience in a postgraduate course in Architecture and Urbanism, exploring walking as a way of understanding the existential territories of the contemporary city. The investigation is based on the methodology of Drift (Debord) and Cartography (Deleuze; Guattari), highlighting walking as a process of experimentation and subjective construction of the urban landscape. The objective is to reveal the aspects that make up the landscape beyond its functional and productive logic, emphasizing the dynamics that transform it. Thus, the spatial experience

acts as a potentializer of the landscape: as functionalities are absent, the possibilities of manifestations of natural and human elements capable of brokering relations between the objective and subjective worlds expand. In this way, the landscape reveals the singularities and strengthens the existential values that emerge between bodies and spaces.

Keywords

Walking, Cartography, Drifting, Landscape.

1. Introdução

A disciplina “Reconhecimento dos espaços habitados da cidade: deriva e cartografia” ofertada e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista - FAAC/UNESP em modo presencial durante o segundo semestre do ano de 2024 em Bauru-SP, abordou a experimentação dos territórios existenciais através do caminhar, utilizando dessa ferramenta científica como meio de apreensão da paisagem.

Os métodos desenvolvidos na disciplina visam as experimentações cognitivas da cidade, e, neste estudo, a experiência da paisagem ocorre a partir do caminhar às margens de uma Área de Proteção Permanente (APP) (Figura 1), de modo a presenciar a corpografia dos alunos em fricção com os elementos naturais que permeiam suas ações.



Figura 1: Mapa do deslocamento realizado. Fonte: Grupo de pesquisa Projeto, Arquitetura e Cidade - GPArC (2024).

Por conseguinte, as aulas teóricas e as metodologias ofereceram ferramentas para que os alunos pudessem reconhecer as multiplicidades, singularidades e diversidades que compõem os espaços habitados. Assim, levantou-se os apontamentos das intensidades contidas em cada lugar, e como as forças e os afetos¹ revelaram uma narrativa que foi responsável pelo reconhecimento da ambiência das paisagens e dos corpos que são atravessados por tais afecções, e como resultado desse encontro ressignificam e transformam os espaços cotidianos.

A partir das discussões textuais promovidas em sala de aula, a experimentação espacial foi realizada por meio da prática da Deriva e da Cartografia² (Careri, 2013; Debord, 1958; Jacques, 2012; Kastrup; Escóssia; Passos, 2009; Rocha, 2023). Os participantes da experiência eram discentes matriculados na disciplina, majoritariamente com formação em Arquitetura e Urbanismo, mas que usualmente utilizam referências metodológicas outras. Embora compartilhassem um interesse comum pelos estudos da paisagem, muitos tiveram seu primeiro contato com as abordagens teórico-metodológicas da Deriva e da Cartografia durante a atividade. Esse encontro entre diferentes formações e perspectivas possibilitou a construção de múltiplas perspectivas, tornando a experiência singular e voltada para a compreensão das potencialidades da paisagem.

A experiência prática foi apresentada como uma abordagem que se entrelaça com a experiência da paisagem. Nos módulos teórico-metodológicos, enfatizou-se a aproximação com a abordagem da filosofia da diferença, especialmente nas perspectivas dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari, provocando inquietações sobre os aspectos existenciais e os movimentos da heterogênesse³. Essas reflexões foram ampliadas pelas provocações urbanísticas descritas por Guy Debord, e pelos estudos cognitivos de Virgínia Kastrup e Eduardo Passos, resultando em um percurso que evidencia as linhas desviantes da funcionalidade e produtividade.

Assim, o caminhar pelas margens tornou-se um ato de resistência aos mecanismos homogeneizantes. Por meio das tessituras que compõem a paisagem, o território e o lugar, emergiram brechas que possibilitam os desvios, sendo caracterizado pelo atravessamento e encontro com o outro a partir de uma determinada ambiência. Esse processo se caracteriza pelo atravessamento e pelo encontro com o outro, sempre mediado por uma determinada ambiência.

1 - “[...] as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Deleuze, G. 2009, p. 93).

2 - A Deriva é um conceito prático-teórico desenvolvido pela Internacional Situacionista (IS) com o objetivo de investigar criticamente o cotidiano em relação ao processo de urbanização. “O conceito de deriva está indissolúvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico construtivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio.” (I.S., n.2, p.52). Consiste em um deslocamento imersivo pelos territórios existenciais da cidade, no qual o ato de caminhar se associa à percepção das experiências sensíveis, mediadas pelo corpo em contato com o espaço. Ver mais em: INTERNACIONAL SITUACIONISTA, Textos íntegros en castellano de la revista Internationale Situationniste (1958-1969). Madri: Traficantes de Sueños, 2004.

3 - Segundo Guattari (1990), os movimentos de heterogênesse referem-se às resistências que atuam na subjetivação de um espaço deixado às margens da cidade formal.

2. Procedimentos teórico-metodológicos

2.1. Deriva⁴

Ao relacionar procedimentos que se aprofundam nas questões territoriais e existenciais, a metodologia da Deriva (Careri, 2013; Debord, 1958; Jacques, 2012; Rocha, 2023), se caracteriza pelo caminhar sem rumo ou percurso pré- estabelecido, em que, incentiva-se o cultivo da sensível a partir das experiências que perpassam o corpo do pesquisador para apreender e identificar os elementos que afetam o território.

A experiência prática da disciplina foi permeada com as questões da paisagem, e por se tratar do caminhar nas margens de uma Área de Proteção Permanente, os reconhecimentos foram obtidos a partir da óptica do habitar da paisagem. Besse (2013), enfatiza que o caminhar tende a estabelecer uma conexão entre a experiência sensorial e o habitar e se fazer presente na paisagem: “Gostaria de evocar o caminhar como maneira de habitar o mundo, como maneira de fazer paisagem, de se juntar à paisagem, o caminhar como um certo modo de estar no espaço” (Besse, 2013, p. 45).

A ação de desviar-se do percurso ao caminhar revela-se como estratégia para a construção da experiência de apreensão da paisagem. Ao considerar as dinâmicas existentes, reconhece-se também os processos que a produziram e a modificaram, de modo que este processo se apresenta como discurso, ou seja, as demarcações, encontros, rastros e vestígios encontrados na paisagem são efeitos das relações das dinâmicas espaciais: “Existe uma retórica da caminhada. A arte de “moldar” frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos.” (Certeau, M., 2003, p.179), assim, evidenciando que o ato de caminhar se revela enquanto relato físico dos acontecimentos cotidianos do espaço.

Ainda, o procedimento metodológico da Deriva consiste numa prática experimental que pretende auxiliar o reconhecimento dos agenciamentos e das singularidades que contemplam o território existencial através do caminhar como meio de apreensão:

O caminhar <<requalifica>> o espaço de uma certa maneira, possui uma virtude performativa: <<caminhando na cidade faço acontecer a cidade, participo na sua co-construção.>> Para retormar a expressão de Thierry Davila: o deslocamento é um <<cine- plástico>>, quer dizer que tem o poder de criar formas. (Besse, 2013, p. 49)

2.2. Cartografia

Distintamente das representações cartográficas que objetivam apresentar as características físicas de um determinado espaço a partir da visão aérea e distanciada do objeto, a metodologia Cartográfica deleuziana acompanha os processos e não se limita a expressar apenas a materialidade, mas as narrativas e os afetos do território também. (Kastrup; Escóssia; Passos, 2009).

De modo que, ao habitar um espaço identifica-se suas dimensões objetivas e subjetivas através das multiplicidades contidas no território. Tais multiplicidades ultrapassam o sentido óptico, podendo abordar diferentes sensações, e estas são capturadas pela experiência espacial, e depois expressas em seu sentido polissêmico:

Por reunir as dimensões objetiva e subjetiva, o Método Cartográfico possibilitaria a promoção de uma estratégia de apreensão das qualidades da paisagem de um lugar, no sentido de, ao agenciar suas representações, possibilitando a relação entre elas, promover a articulação entre o espaço real e suas potencialidades, entre o mundo objetivo e subjetivo. (Schenk, L., Lima, M., 2019, p.29)

4 - Vale ressaltar que, neste artigo, nos fundamentamos nas práticas de Deriva da Internacional Situacionista. No entanto, reconhecemos que o conceito original remete a um acontecimento específico de espaço-tempo, formulado como uma crítica direta ao urbanismo moderno em Paris. Embora adotemos o termo e seus fundamentos, realizamos um deslocamento metodológico para o contexto da cidade contemporânea, onde a experiência vivida muitas vezes se dilui diante do excesso de informações e da fragmentação do espaço urbano. Nesse sentido, a Deriva aqui explorada não apenas se apropria das ideias situacionistas, mas também se reconfigura diante das dinâmicas atuais da urbanização e da produção do espaço.

Em suma, o processo de construção da cartografia se constitui a partir do reconhecimento das singularidades espaciais. Segundo Kastrup (2015), o pesquisador cartógrafo tem duas modalidades de atenção: a atenção flutuante, consistindo na atenção que percorre todo o espaço, não se fixando a nada, e o reconhecimento atento, no qual a atenção fixa-se em um determinado ponto que o faz prender a atenção para captar maiores detalhes: "...a leitura das diversas camadas que compõem o espaço, propiciam a descoberta e explicitação de potencialidades, revelando qualidades desse espaço que podem contribuir, diversificar e complexificar a leitura e o projeto da paisagem" (Schenk, L., Lima, M., 2019, p.29). Por consequência, a prática do procedimento cartográfico ocorre após a experiência espacial, reiterando as singularidades presentes ou ausentes no espaço habitado, assim como os atravessamentos e encontros que tangenciaram o afeto entre os corpos e as ambiências do espaço (Deleuze, 2007). Por tratar-se de uma experiência coletiva foram adotados diferentes modos de expressão para relatar o espaço habitado.

3. Experiência da paisagem

O espaço em que se desenvolveu às práticas teórico-metodológicas englobou grandes porções de vegetação originária e espontânea, atribuindo ritmo ao passo que a experiência coletiva acontecia. A área de Proteção e Permanência se fez presente na paisagem durante a apreensão dos territórios próximos à Faculdade, de modo que os elementos naturais geraram atravessamentos que permearam as singularidades existentes no espaço.

A diversidade de manifestações da natureza nos espaços da terceira paisagem é decorrente, segundo Clément, do fato de esses espaços serem abertos às mais diversas interações naturais. O caráter indeciso da terceira paisagem "corresponde à evolução do conjunto dos seres biológicos que compõem um território deixado na ausência de qualquer decisão humana." (Cabral, 2019, p.95)

Segundo Clément (2005), a terceira paisagem acontece através da ausência de ações e atividades humanas, possibilitando a ressingularização do espaço que se

abre para que as demais dinâmicas se apropriem da paisagem e irrompam por meio dos elementos naturais que reconquistam o espaço, fazendo-se abundante: "A experiência da paisagem em meio às grandes cidades contemporâneas se associa às possibilidades de restabelecermos o estranhamento e, em certas ocasiões, o maravilhamento que a natureza causa em nós." (Cabral, 2019, p.57).

No entanto, ao identificar as potencialidades da paisagem a partir das inúmeras espécies que crescem e se desenvolvem no território experienciado, reconhece-se a atribuição ecosófica aos agenciamentos que se articulam enquanto ecologia mental, social e ambiental (Guattari, 2001). No qual, as singularidades se espacializam à medida que se desviam da lógica produtiva e funcional, ou seja, partindo da Faculdade em direção a vegetação da área de proteção que se espalha numa das laterais da Av. Eng. Luis Edmundo Carrijo Coube, identifica-se a transformação da paisagem e da ambiência: o ar fica leve e fresco a medida em que se distancia das grandes massas edificadas, bem como o som dos animais e insetos fica mais intenso, e estes ficam visíveis por entre o verde das vegetações, o barulho de águas se torna mais frequente e a experiência da paisagem ocorre entre um pingo de chuva e outro (Figura 2).

Para descrever o procedimento teórico-metodológico em que a paisagem foi apreendida, deve-se ressaltar que o percurso traçado pelo ato de caminhar, teve seu início saindo da sala de aula e prosseguindo em direção ao que mais capturava a atenção do grupo de alunos, por tratar-se de um grupo em que grande parte consistia em arquitetos da paisagem, o caminho foi se intensificando ao identificar e reconhecer as vegetações e os elementos naturais que se abriam em meio aos acontecimentos urbanos.

A dinâmica ocorreu na primeira segunda-feira de novembro durante o período da manhã, o clima estava fechado havendo muitas nuvens carregadas e escuras no céu, sabia-se do risco de chuva durante a prática da deriva, então os alunos participantes levaram capas e guarda-chuvas para conseguirem cumprir o percurso.



Figura 2: Prática da Deriva. Fonte: GPArC (2024).

A partir da prática, o processo de reconhecimento se afastou gradativamente das questões funcionais abrindo-se as linhas dos desvios (Deleuze; Guattari, 2011), com a atenção flutuante e atenta (Kastrup, 2015), o grupo de alunos caminhou em direção ao incerto, conectando-se e interagindo com as dinâmicas cotidianas apresentadas pela paisagem e vegetação local.

Assim, saindo da sala de aula, o percurso desembocou num terreno baldio com vegetações secas que fazia parte do Bairro Jardim Colonial, mais a frente a área de

preservação surge na paisagem, contrastando com a Av. Eng. Luis Edmundo Carrijo Coube e sua movimentação viária (Figura 2).

Ao caminhar linearmente às margens da vegetação, o grupo começa a notar a espontaneidade dos acontecimentos, desde as árvores frutíferas aos insetos que rastejam pelo solo, tudo aponta para as tessituras que são capazes de afetar e transformar uma ambiência a partir dos anseios que ali são depositados pelos elementos naturais (Figura 3).



Figura 3: Elementos naturais presentes na paisagem. Fonte: GPArC (2025).

A experimentação durou cerca de uma hora e quarenta minutos, com a chuva que por vezes diminuía e por vezes aumentava, até a volta para a faculdade. Ao retirar as capas de chuva e fechar os guarda-chuvas, atravessaram a avenida para o lado em que havia pouca vegetação, notou-se a mudança brusca de temperatura. O mormaço da chuva na calçada de concreto úmido aumentava a sensação de calor e o incômodo com o clima abafado. Mas as conversas passaram a se alinhar e o caminho de volta foi contemplado por comentários satisfatórios sobre a experiência em derivar em meio a vegetação e a chuva. Para além, o objetivo de ressignificar a paisagem e reconhecê-la a partir da ausência de ações funcionais foi obtida por meio da produção de subjetividades em que o grupo estava imerso.

Assim, a paisagem que antes era tonalizada de cinza, agora apresentava cores vibrantes que se destacavam em meio a sobriedade dos edifícios em torno da avenida. Conforme

o grupo se deslocava, foram atribuídas funções para serem cumpridas, como num jogo em que cada peça tem seu respectivo objetivo (Rocha, 2023), alguns coletaram objetos, outros fotografaram os elementos da paisagem ou anotaram as percepções enquanto se estabelecia o ritmo do caminhar, mas todos foram despidos de suas funções a medida em que a chuva caía e os guarda-chuvas se levantavam acima das cabeças.

Neste cenário, as potencialidades se evidenciaram ao tornarem-se visíveis, a chuva trouxe à tona o brilho das folhas que pareciam vivas novamente após um longo período de seca, os insetos irrompiam de rachaduras e brechas na terra e no concreto, os animais de pequeno porte se apoiavam nas pontas dos galhos das árvores. A experiência da paisagem foi dividida entre o antes da chuva e depois da chuva, sua transformação ocorreu simultaneamente ao caminhar, e, de repente, tudo era água (Figura 4).



Figura 4: O caminhar como experiência da paisagem. Fonte: GPARC (2024).

Contudo, as potências da paisagem atravessaram a metodologia, marcando-a como um movimento desviante, que apresenta as singularidades da heterogênesse a partir de um espaço residual para a lógica funcionalista, apartando-se da cidade produtiva e aproximando-se das subjetividades desviantes: “...trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva...” (Guattari, 2001, p.15).

A estes espaços residuais, sobram apenas a negligência de existir, tornando-se invisíveis e incultos para a cidade contemporânea, mas abertos para as dinâmicas de retomada dos elementos naturais: “Negligenciadas, esses espaços permanecem abertos às mais variadas manifestações da natureza” (Cabral, 2019, p.97). De modo em que a experiência da paisagem busca se situar contrariamente a coisificação da natureza, mostrando que os espaços ausentes de funções produtivas são preenchidos pela vontade espontânea que cria diversificadas ambiências em meio a cidade, como os espaços destinados à proteção permanente, os terrenos residuais de um empreendimento urbano, ou os espaços que perderam sua funcionalidade original, ambos caracterizados por elementos naturais que se espalham por entre as brechas de sua existência:

(...) os espaços da terceira paisagem não exprimem nem o poder, nem a submissão ao poder, isto é, são espaços que se situam entre os territórios ordenados pelo homem e aqueles reservados à natureza e que permanecem abertos ao porvir na medida em que não se submetem à organização nem de uns, nem de outros. (Cabral, 2019, p.99)

Ao experienciar a paisagem através da prática teórico-metodológica da deriva e cartografia, identifica-se-a como devir, em que suas potencialidades são

associadas às características ociosas e desprovidas de intencionalidades. Logo, a ausência de poderes e hierarquias atribuem aspectos distintos a paisagem, podendo se transformar em refúgio para as dinâmicas desconsideradas pela cidade funcional (Clément, 2005).

4. Expressão Cartográfica

Segundo o método cartográfico deleuziano, utilizando as abordagens de ordem objetiva e subjetiva, foram construídas as camadas de níveis de apreensão da paisagem habitada e experienciada. Para isso, a abordagem rizomática auxilia na identificação dos processos de produção das subjetividades entre corpos e ambiências, ambos sendo singulares e heterogêneos ao abrir o espaço para as ressignificações e apropriações não hierárquicas. Assim, a cartografia desenvolvida mantém-se contrária ao decalque e as representações, permanecendo aberta às modificações do espaço e expressando os afetos que potencializam as transformações dos territórios existenciais (Deleuze; Guattari, 2011).

Por tratar-se de uma experiência coletiva, foi optado por se criar uma interface no site *Canva* para a construção da linguagem artística em que todos pudessem contribuir simultaneamente. Portanto, após a experiência prática da deriva, os alunos se reuniram em um laboratório de informática para realizarem o mapeamento dos processos subjetivos da paisagem reconhecida. Assim, foi decidido em grupo a realização de camadas contemplando os verbos, fotografias, coletas e sensações para compor a cartografia, num desafio de expressar os sentidos, dinâmicas, presenças e ausências do espaço.

Ao dar início às expressões artísticas, o ato de cartografar promoveu uma desterritorialização⁵ do que havia sido apreendido. Cada aluno, simultaneamente, escreveu, desenhou, rabiscou e inseriu as fotografias coletadas, espacializando as expressões por meio da cartografia. A comunicação entre os participantes ocorreu de forma silenciosa, mediada pela interface do *Canva*. Apesar

5 - Resumidamente, a desterritorialização refere-se ao movimento pelo qual se rompe com um território estabelecido, permitindo a criação de novas configurações espaciais, subjetivas e sociais. Deleuze e Guattari (1995) definem esse processo como uma “operação de linha de fuga”, na qual os agenciamentos se desterritorializam, ou seja, perdem sua fixidez e se reorganizam em novos fluxos e conexões.

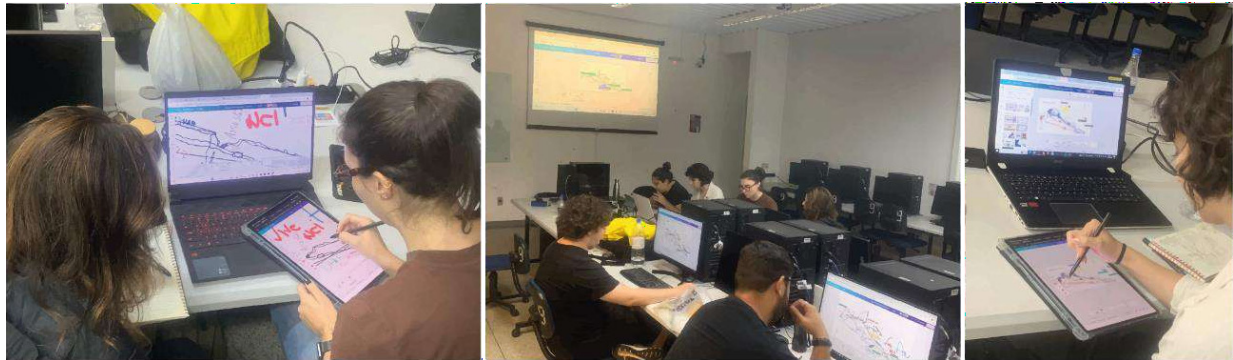


Figura 5: Processo do método cartográfico realizado em sala de aula. Fonte: GPArC (2024).

da ausência de fala, os pensamentos e a maneira como cada um interagia com os outros através da plataforma acabavam por contagiar e influenciar a expressão de múltiplas formas.

Para registrar o percurso, cada aluno utilizou o GPS do aplicativo *Strava*, e após o seu desligamento foram compartilhados os registros do percurso realizado em formato de arquivo GPX. Este formato possibilita a

utilização do programa *Qgis* que, ao georreferenciar o trajeto, auxilia na identificação dos trechos relacionados às feições da paisagem (Figura 5).

Para a elaboração das camadas dos verbos, cada aluno se atentou ao que apreendeu durante o processo teórico-metodológico da deriva, relacionando as dinâmicas cotidianas existentes na paisagem com o habitar dessa espacialidade (Figura 6)

VERBOS

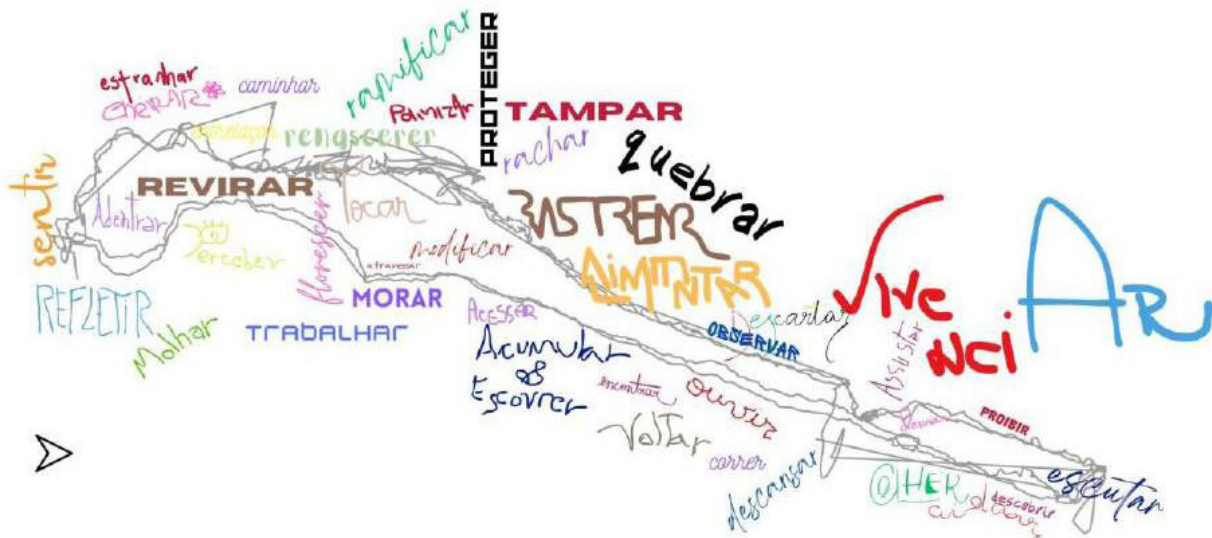


Figura 6: Camadas dos verbos. Fonte: GPArC (2024).



Figura 7: Camada das fotografias. Fonte: GPARC (2024).

De modo simultâneo, paralelo e silencioso, foram construídas as ambiências a partir das fotografias retiradas na prática experimental do espaço. Cada aluno selecionou cinco das suas fotografias para compor a camada, ao espacializar o material levantado, formou-se uma composição de imagens que ilustram as percepções da paisagem (Figura 7)

A penúltima camada corresponde às coletas realizadas durante a experiência espacial da paisagem, alguns coletaram folhas de espécies e tamanhos distintos, mangas, flores, cordas, raízes e molas, sendo que, os de aspectos naturais e humanos, foram relacionados aos verbos espacializados. Ao reconhecer a conexão entre objetos, paisagem e afetos, se apreende que os processos de subjetivação tornam rica a experiência do espaço (Figura 8).



COLETAS



Figura 8: Camada das coletas. Fonte: GPArC (2024).

A coleta pode revelar fragmentos de vidas situadas nas margens do espaço em que ocorre, alinhando-se à perspectiva do antropólogo britânico Tim Ingold (2022). Mais do que um simples ato de posse, esse processo se dá como uma interferência contínua na temporalidade em constante transformação. Para Ingold, coletar não se limita à acumulação de objetos, mas envolve a reconfiguração dinâmica de uma coleção, possibilitando uma apropriação sensível e subjetiva dos materiais. Esse processo se insere em práticas poéticas que ressignificam a experiência urbana, conferindo novos sentidos aos elementos recolhidos.

Não obstante, a camada das sensações visa reconhecer as apreensões realizadas coletivamente. Por meio de diferentes expressões artísticas, foram enfatizados os territórios existenciais reconhecidos no espaço, as questões relacionadas à chuva, ao clima e a paisagem colaboram enquanto potencializadores das dinâmicas cotidianas, esclarecendo aquilo que só pode ser vivenciado quando atravessados pelas camadas de afetos presente no local (Figura 9).

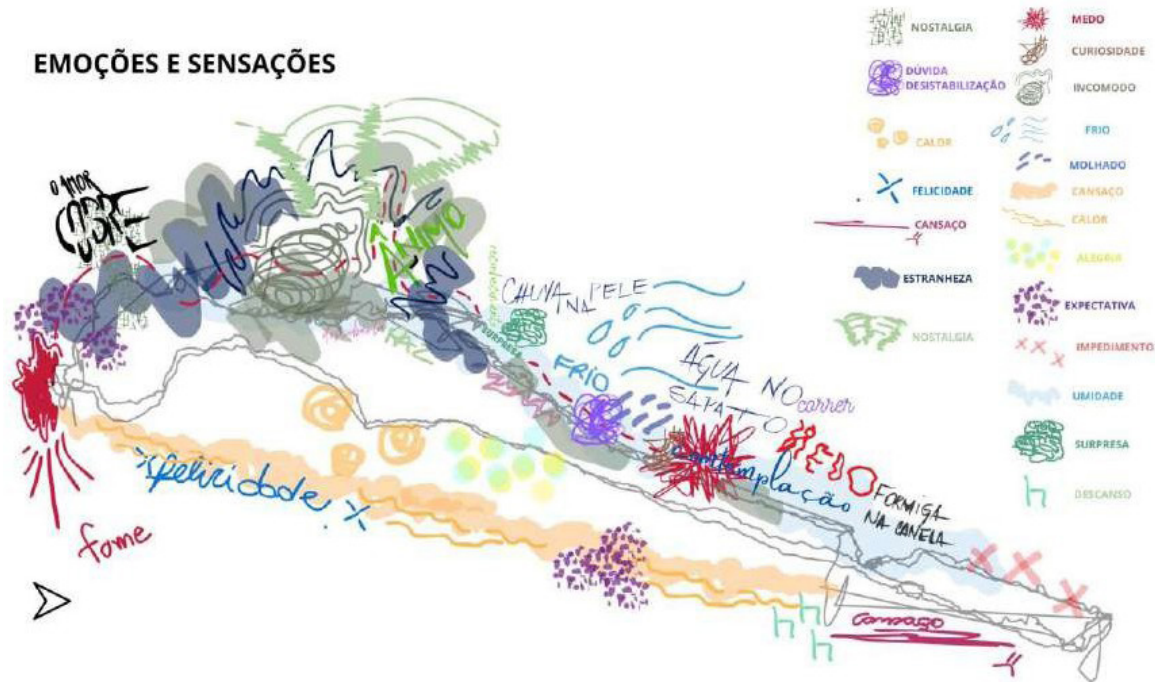


Figura 9: Camada das sensações. Fonte: GPARC (2024).

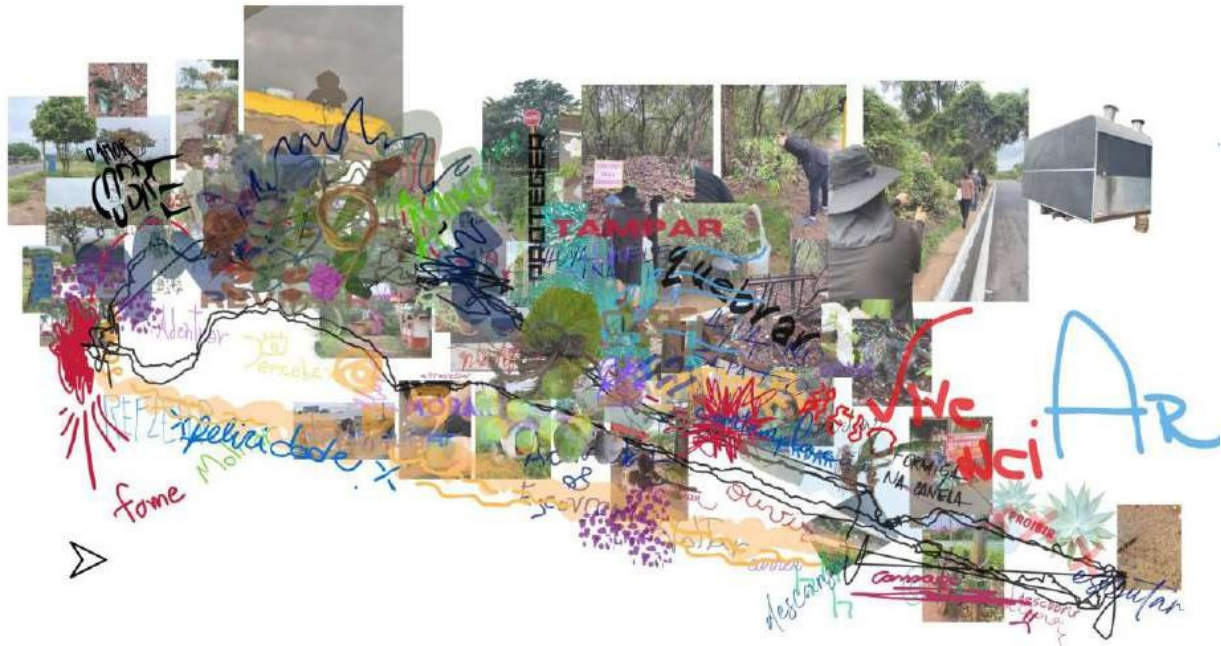


Figura 10: Cartografia sobrepondo as camadas analisadas. Fonte: GPARC (2024).

Finalmente, a composição e a sobreposição das camadas de verbos, fotografias, coletas e sensações apontam para a elaboração da cartografia. Assim, a produção coletiva engloba as subjetividades do espaço, acumulando coexistências de relatos vivenciados, fotografias determinantes para a apreensão, coletas que portam uma história entre a dinâmica dos corpos com a paisagem e sensações que reforçam os afetos contidos na espacialidade da paisagem. Enquanto método processual, a cartografia permanece aberta, sem conclusão devido ao seu carácter dinâmico, potencializando novos registros a partir de novas experimentações (Figura 10).

5. Considerações em curso

A partir da singularização do processo teórico-metodológico, o experimento espacial revela movimentos da heterogênesse em contraposição aos eventos urbanos produtivos e funcionais. A disciplina, portanto, assume a postura de provocar inquietações sobre os moldes em que a sociedade atual é produzida, procurando construir ferramentas que possibilitem o desvio das ações hegemônicas.

No entanto, os desafios apresentados no decorrer da disciplina, juntamente com as dificuldades da prática teórico-metodológica, apresentam a necessidade de se desenvolver cada vez mais, maneiras de expressar os atravessamentos dos afetos que relacionam o corpo ao espaço valorizando-os segundo suas características existenciais.

Portanto, a apreensão e a cognição dos processos subjetivos que irrompem e atravessam a paisagem potencializam os vínculos entre vegetação, cultivo, ausências e indivíduos que se estabelecem em um mesmo espaço urbano. O modo efêmero em que as práticas são demarcadas na paisagem atribuem sentido de movimentação e transformação aos devires da cidade. E, por meio da sensibilização dos aspectos vivenciados, os processos de ressignificação e reapropriação ganham espaço nos territórios subjetivos (Rolnik; Guattari, 2006).

Em suma, a atividade proposta foi positiva para o aprendizado dos discentes, de modo que, enquanto construção transitória e aberta, a cartografia se apresenta como método processual que acompanha e reconhece

as movimentações e modificações da paisagem em meio aos acontecimentos urbanos contemporâneos. A potencialidade expressa por meio das experimentações compõe as camadas que se sobrepõem ao território, e o trilhar dessa metodologia é acompanhada pela inquietação de redescobrir as subjetividades que constroem uma cidade outra, habitada e vivenciada a partir do cotidiano.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. *Pista 7: Cartografar é habitar um território existencial*. In PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 131-149). Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BESSE, Jean-Marc. *Estar na paisagem, habitar, caminhar*. In: CARDOSO, Isabel Lopes (Coord.). *Paisagem Patrimônio*. Porto: Dafne Editora, 2013.
- CABRAL, Arthur Simões Caetano. *A realidade sensível da natureza nos espaços irresolutos de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*; prefácio de Paola Berenstein Jacques; tradução Frederico Bonaldo. — I. ed. — São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano. Artes de Fazer*. Vol.1. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. CLÉMENT, Gilles. *Manifeste du tiers paysage*. Saint Germain sur Ille. Editions du commun, 2005.
- DELEUZE, G. *Espinosa: Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002, p. 55-60. DELEUZE, Gilles. *Mil platôs-vol. 5*. Editora 34, 1995.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2001.
- INGOLD, Tim. *Fazer: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura*. Editora Vozes, 2022. JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador, UFBA, 2012.
- KASTRUP, V. *Pista 2: O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. In PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 32-51). Porto Alegre: Sulina, 2015
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. *Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 24, n. 281.05, Vitruvius, out. 2023. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923>.
- ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.
- SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins; LIMA, Maria Cecília Pedro Bom de. O Método Cartográfico no projeto da Arquitetura da Paisagem. *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*, São Carlos, Brasil, v. 17, n. 2, p. 26-40, 2019. DOI: 10.11606/issn.1984-4506.v17i2p26-40. <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/151355>.